

POSSIBILIDADES EDUCATIVAS NO MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS

Jezulino Lucio Mendes Braga¹

Resumo

Esse texto apresenta dados de pesquisa sobre o uso pedagógico do Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte. Centra a discussão a relação entre o setor educativo do museu e os professores que fazem uso frequente da exposição para ensinar história. Analisa os materiais pedagógicos e atividades ofertadas pelo setor educativo na aproximação com os docentes e afirma a potencialidade educativa da exposição museal para o ensino e aprendizagem de história. Afirma a importância dos museus nos processos formativos que incluem docentes, discentes e educadores de museus.

Palavras chaves: Museu- Setor Educativo-ensino de história.

Abstract

This paper presents data from a research about the pedagogical use of the Artes e Ofícios Museum of Belo Horizonte. We focused the analysis in the relationship between educative sector of the museum and the teachers who frequently use the exhibitions for teaching history. It also analyses the pedagogical materials and activities provided by the educative sector for teachers and study the educative potentiality of the museum's exhibitions for teaching history. Finally, it supports the importance of the museums for the formation of teachers, students and museum educators.

Key words: Museum-Educative Sector-Teaching History



Introdução

Este texto apresenta as possibilidades educativas do Museu de Artes e Ofícios por meio da análise do *Guia do Educador* elaborado pelo setor educativo e de uma pesquisa feita com professores que fazem uso frequente do museu. Essa pesquisa faz parte da minha tese de doutorado intitulada *Professores de História em Cenários de Experiência*, na qual investiguei os usos e

¹ Professor de Prática de Ensino de História, Coordenador de Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais-UEMG-Campanha, luciohistoria@hotmail.com.

estratégias de ensino de história neste museu e os significados que os professores dão às suas experiências no contato com a exposição (BRAGA, 2014).

Apresento dados coletados na primeira etapa da pesquisa feita a partir de questionário enviado aos professores que responderam positivamente ao convite do setor educativo do MAO. O setor educativo se disponibilizou a relacionar todos os professores de história que visitaram o museu nos últimos dois anos e enviar um convite por meio eletrônico para participação na pesquisa. O setor educativo do MAO consultou 115 professores sobre interesse e disponibilidade em participar da pesquisa. Obtiveram 45 retornos sendo que 6 deles foram negativos. Enviamos questionários para 39 professores na primeira etapa da pesquisa e obtivemos 26 retornos.

Aos professores que aceitaram participar da pesquisa foi enviado um questionário elaborado pelo autor da tese e validado por um grupo de pesquisadores do LABEPH (Laboratório de Estudos e Pesquisa em Ensino de História). O questionário foi inserido em um programa desenvolvido especialmente para a pesquisa e disponibilizado no site <http://www.jezulinolucio.com.br/>. Esse programa permitiu que os dados fossem consolidados de forma mais rápida minimizando algumas perdas eventuais quando os questionários são aplicados em papel. Somente o pesquisador teve acesso à configuração do sistema, assumindo o controle sobre os questionários e convites enviados para participação na pesquisa.

O Museu de Artes e Ofícios foi inaugurado no dia 14 de dezembro de 2005 e aberto ao público no dia 10 de janeiro de 2006. O projeto estava sendo gestado desde 2000 pelo Instituto Flávio Gutierrez (IFG) em parceria com a CBTU (Companhia Brasileira de Trens Urbanos). A empresária mineira e presidente do IFG Ângela Gutierrez colecionou durante algum tempo objetos representativos da fase manufatureira da indústria mineira, além de utensílios da cozinha, móveis e outros objetos que foram recolhidos no interior de Minas Gerais. Tais objetos são classificados como acervo representativo do trabalho *pré-industrial* do Brasil dentro da proposta de apresentar os ofícios como arte.

O museu foi instalado nos prédios da Estação Central e Oeste de Minas localizados na conhecida Praça da Estação, cujo nome oficial é Praça Rui Barbosa. O local é de fácil acesso, atendido por várias linhas de ônibus e pelo metrô de Belo Horizonte. Um dos responsáveis pelo projeto de criação do Museu o museólogo Pierre Catel (2005) afirma que:

Nosso objetivo era ter um público bem popular, uma vez que íamos trabalhar num terreno para difundir um conhecimento popular, e era preciso restituir uma identidade, um interesse ao trabalho manual e ao trabalho técnico. Aliás, era preciso se situar num lugar onde o público já estivesse antes. Foi por isso que pensamos na possibilidade de fazer esse museu numa estação de metrô. Agora, se vamos falar em porcentagem, não serei capaz de dar porcentagens, mas, digamos, podemos pensar em um milhão de usuários do metrô. É evidente que aqueles que queremos atingir é o público da periferia urbana, que não tem, forçosamente, muitos espaços culturais à disposição. São pessoas que, nós sabemos, estão cansadas à noite, quando voltam do trabalho. Se queremos que eles venham ao museu por um tempo, é preciso atraí-los, mas não com grandes teorias. Em compensação, sabemos que é um espaço facilmente acessível para eles, porque há o metrô (CATEL apud KOPTCKE, 2005, p. 326).

De acordo com Catel (2005), milhões de trabalhadores transitam pela praça todos os dias e essa é uma das justificativas para instalação do museu naqueles prédios uma vez que o projeto museal é destinado a narrar a história dos ofícios. Segundo o museólogo, é preciso atrair esse contingente de pessoas a partir de uma relação empática onde as teorias venham apenas como acessórias. Além desses dois prédios existem os galpões ferroviários na Rua Aarão Reis e o prédio da Estação Ferroviária do Trem da Vale do Rio Doce que compõem o conjunto arquitetônico do início do século XX.

Desde sua inauguração o MAO é amplamente frequentado e constitui um importante aparelho cultural da cidade de Belo Horizonte. Possui setor educativo que realiza atividades em parceria com as escolas, investe em formação continuada e produz materiais didáticos que auxiliam o uso pedagógico da exposição.

O Museu de Artes e Ofícios e a Educação

Os museus são ambientes de formação, tanto para educadores que atuam diretamente na instituição museal, quanto para professores que dele fazem uso educativo. De acordo com Pereira & Siman:

O exercício do fazer educativo em museus é visto como oportunidade formativa porque rica de experiências, contatos e trocas que proporcionam quando aproveitados-situações novas, enriquecedoras e reinventivas. Ao aprender na prática, com a prática e pela experiência, o educador em museus poderá tornar sua ação profissional um exercício de aprendizagem, que, uma vez iniciado, não se completa e não se finda, residindo nessa processualidade, especialmente, sua maior riqueza (SIMAN & PEREIRA, 2009, p. 4).

Assim, podemos questionar em que medida as equipes educativas dos museus têm convidado o professor ao diálogo, ou quais sensibilidades, valores, crenças éticas, estéticas e políticas são compartilhadas no encontro dos professores com as equipes dos setores educativos dos museus. E na escola, que trocas ocorrem entre professores aprendentes nos museus e seus colegas de profissão?

Estas discussões tornaram-se pertinentes no Brasil a partir da década de 1950, quando a educação passou a integrar as funções dos museus, como um campo fundamental na relação que estabelecem com a sociedade. Para Knauss (2011), na década de 50 a educação nos museus deixa de ser tratada em termos genéricos e passa a ser discutida em sua relação com as escolas. O autor fez um levantamento sobre as discussões que estavam sendo feitas nos *Anais do Museu Histórico Nacional* e outros artigos que defendiam até mesmo a criação de serviços educativos independentes dos serviços técnicos dos museus. O autor ainda aponta como marco nesse processo a realização do Seminário do ICOM, acontecido no Rio de Janeiro em 1958 (KNAUSS, 2011)

O modelo de museu proposto na criação do Museu Histórico Nacional (MHN) em 1922 tinha o público escolar como referente, antecipando o debate sobre a aproximação dos museus e escolas (KNAUSS, 2011). Na década de 1940, o então diretor do museu, o Gustavo Barroso, propunha uma reforma no Curso de Museus criado 10 anos antes, principalmente no que se referia à função educativa das coleções. Já é conhecido pela bibliografia o entusiasmo de Barroso ao patrimônio cultural, principalmente pela via saudosista, na recuperação de um passado glorioso e na tentativa de despertar nas gerações o amor à pátria.

Em 1947, Barroso publicou a *Introdução à técnica de museus*, cujo foco principal é a organização e a preservação das coleções, sem aprofundar no sentido educativo dos museus. Entretanto, pesquisando os *Anais do Museu*,

Knauss (2011) encontrou artigo em que Nair Moraes de Carvalho, professora do curso de museus do MHN, elabora, por meio de outras referências, modelos para a visitação escolar que se daria de formas variadas como:

(...) *visitas escolares dirigidas* eram caracterizadas como as que se realizam *durante* o horário de aula, com programa preestabelecido de antemão e com preleção dos conservadores do museu. Por sua vez, as *visitas escolares livres* eram as que se realizadas por grupos de estudantes indicados, *fora* do horário de aula e sem serem necessariamente acompanhados, propondo-se um tema para estudo ou inquérito. As *visitas escolares combinadas*, porém, compunham-se de uma parte dirigida e outra parte livre, combinado assim os outros dois tipos. (KNAUSS, 2011, p. 586)

Observa-se que já neste período existe uma preocupação com visitas livres, nas quais seria proposto um tema para estudo a partir dos conteúdos escolares. É claro que a preocupação era com a História da Pátria, através de uma narrativa baseada em eventos políticos e heróis nacionais. Nesse caso, o papel dos museus seria o de auxiliar a escola no desenvolvimento de uma educação para a consciência patriótica.

Foi a partir dos anos de 1980, com a influência dos debates sobre a nova museologia, que as instituições montaram equipes específicas para atender a demandas vindas das escolas, formularam materiais de orientação para os professores e promoveram cursos e seminários atendendo a essa camada profissional como o realizado no Museu Imperial, dedicado a discutir o tema geral *Uso Educacional dos Museus e Monumentos*. É nesse encontro que é cunhada a expressão educação patrimonial e lançada as bases para uma metodologia que pensa a educação nas relações subjetivas com o patrimônio.

No entanto, ainda existe um grande número de museus que não possuem os chamados “setores educativos” devido à falta de investimentos públicos ou até mesmo por optarem por uma relação direta entre o público escolar e as exposições propostas em suas galerias².

Para Santos, todas as ações museológicas devem ser pensadas como ações educativas, ainda que o museu não tenha um setor específico que cuide dessas atividades, uma vez que “sem essa concepção, não passarão de técnicas que se esgotam em si mesmas e não terão muito a contribuir para os projetos

² Dados levantados pelo IBRAM indicam que 51,9% dos museus brasileiros não possuem serviço educativo mas 80,6 % oferecem como opção a visita guiada. IBRAM. Museus em Números. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011, online.

educativos que venham a ser desenvolvidos pelos museus, tornando a instituição um grande depósito para guarda de objetos” (SANTOS apud IBRAM, 2011, p. 119)

O Museu de Artes e Ofícios iniciou suas atividades educativas no ano de sua inauguração³. Entre 2004 e 2007 foi desenvolvido no museu um conjunto de ações educativas que ficaram conhecidas como *Fio da Meada*. De acordo com Miriam Hermeto e Gabriela de Oliveira (2009), o planejamento e a execução das ações educativas incentivavam o visitante a encontrar o fio da meada do saber fazer dos sujeitos em diferentes temporalidades. O programa tomava como pressupostos epistemológicos:

(...)1) o processo de aprendizagem é individual e depende das condições do sujeito; 2) a educação é mediada formal ou informal-pode dar ao sujeito mais condições de aprender o objeto e construir conhecimento sobre ele. A partir destes pilares, o *Fio da Meada* buscava contemplar as características dos diferentes sujeitos que frequentavam o Museu, do ponto de vista cognitivo, social e emocional. Tomava os educadores do museu como mediadores do processo de ensino-aprendizagem, valorizando o desenvolvimento de atividades que promoveriam a inclusão e a participação de diferentes sujeitos e segmentos sociais, criando condições para que o espaço museal fosse utilizado na construção de conhecimento, de desenvolvimento e da aprendizagem do ser humano em sua dimensão cultural, histórica e social (HERMETO & OLIVEIRA, 2009, p. 94-95).

No programa *Fio da Meada* o objeto não é o foco central no processo de aprendizagem, mas o sujeito, uma vez que na mediação estão envolvidos além de objetivos cognitivos, fatores afetivos e emocionais. As visitas orientadas abriam espaço para fruição livre. As escolas eram recebidas pelos educadores mediante agendamento que dependia da participação dos professores em seminários de capacitação. Os educadores conduziam a visita explorando os ofícios a partir de questões problema, dialogando e potencializando o senso crítico dos estudantes. No pós-visita era feita uma reflexão para verificar se os objetivos trabalhados foram alcançados:

³ O Museu de Artes e Ofícios foi inaugurado no dia 14 de dezembro de 2005 e aberto ao público no dia 10 de janeiro de 2006. O projeto estava sendo gestado desde 2000 pelo Instituto Flávio Gutierrez (IFG) em parceria com a CBTU (Companhia Brasileira de Trens Urbanos). A empresária mineira e presidente do IFG Ângela Gutierrez colecionou durante algum tempo objetos representativos da fase manufatureira da indústria mineira, além de utensílios da cozinha, móveis e outros objetos que foram recolhidos no interior de Minas Gerais. Tais objetos são classificados como acervo representativo do trabalho pré-industrial do Brasil dentro da proposta de apresentar os ofícios como arte.

(...) a ação educativa pretendia promover a criação de vínculos afetivos entre os diversos sujeitos visitantes e os objetos que fazem parte do espaço museal. Antes da visita, propriamente dita, às exposições, os educadores do museu dialogavam com os grupos de visitantes, provocando-os, por meio de questionamentos e narração de histórias, a olhar para os objetos não apenas como peças de museu, mas como peças vivas que compõe o cotidiano

(HERMETO & OLIVEIRA, 2009, p. 96).

O projeto *Fio da Meada* previa também interações com professores na realização de seminários e cursos de formação, com o objetivo de refletir sobre as ações pedagógicas que poderiam ser desenvolvidas no museu.

Em 2008 foi implantado o projeto *Trilhas e Trilhos* que tinha como objetivo promover a mediação entre o acervo do MAO e o público. Segundo a coordenadora do setor, Naila Mourthé, esse projeto fortaleceu a ação educativa do MAO ao oferecer atividades complementares e diferenciadas, além de ampliar a capacidade de atendimento a grupos de estudantes. A proposta foi intitulada *Trilhas e Trilhos* porque:

(...) é uma remissão ao trem, ao tema que envolve a Praça da Estação. Só que o trilho a gente sabe exatamente onde vai dar, e no setor educativo, a gente entende que nós fazemos propostas, mas onde nós vamos chegar, talvez a gente percorra outros caminhos. (MOURTHÉ, apud BARBOSA, 2010)

A proposta do setor educativo é fazer a mediação com o público, ainda que esse não seja exclusivamente o escolar. Segundo a coordenadora, não se trata apenas de uma visita guiada ou orientada, mas de perceber as interações possíveis entre o público e o museu. Portanto, a metodologia é aberta à participação dos professores e demais visitantes que contribuem no resultado final.

Para apresentar os projetos do setor educativo e servir como material de apoio aos professores que fazem uso pedagógico do museu foi elaborado um *Guia do Educador*. Trata-se de um encarte que, além de apresentar o serviço educativo, faz sugestões de atividades para realizar antes, durante ou depois da visita. Inclui cinco propostas de uso educativo do museu que podem atender crianças, públicos diversos, adolescentes e jovens de uma forma geral.

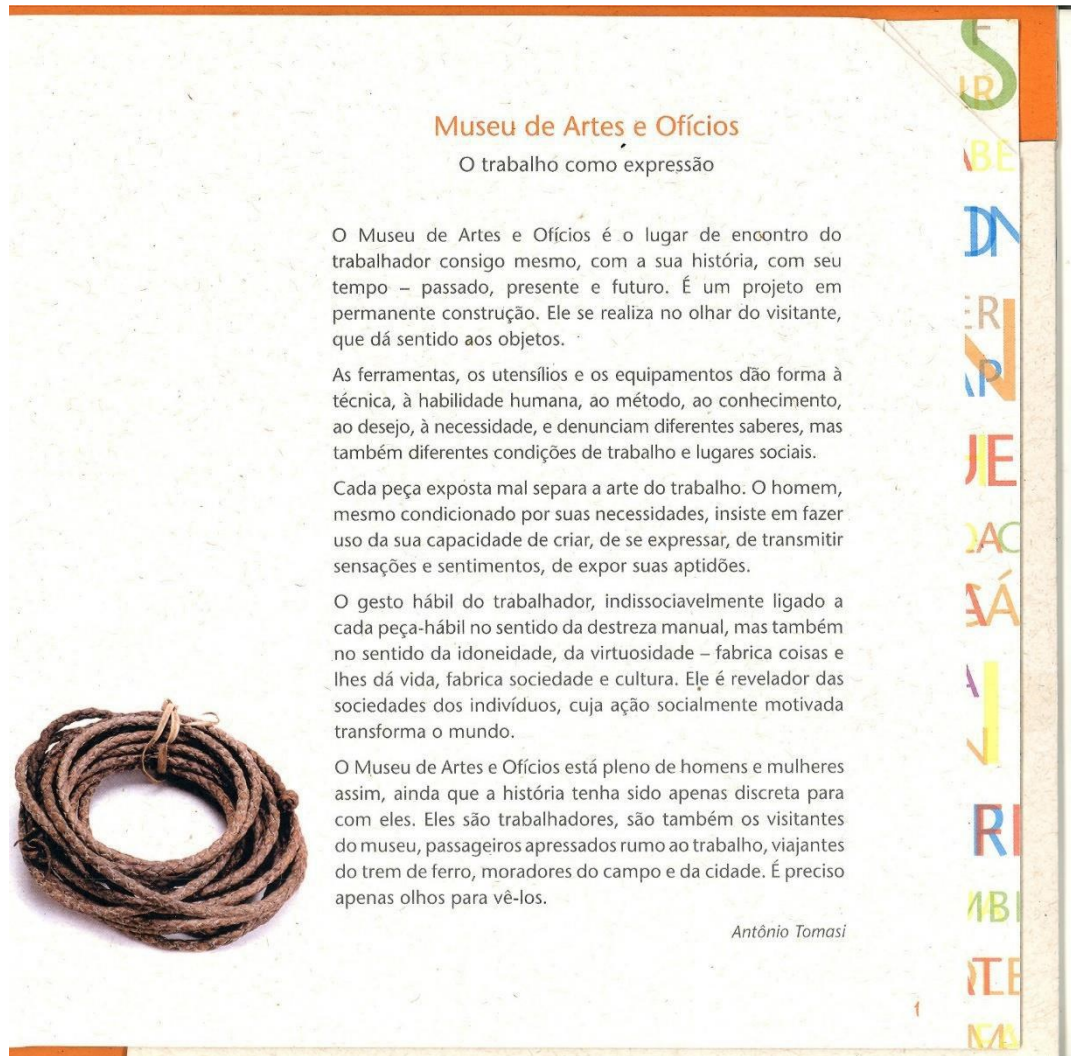
Figura 1 – Guia do Educador (1)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, 2008.

Esse guia tem um caráter permanente, mas os encartes existentes na capa e contracapa são acrescentados anualmente. Os encartes são de fotos com algumas informações de ofícios apresentados na exposição do MAO e outros encartes com atividades didáticas ligadas a estes ofícios. A cada ano os encartes são mudados com o acréscimo de outros ofícios, o que permite que o professor tenha mais informações e outras propostas de atividades.

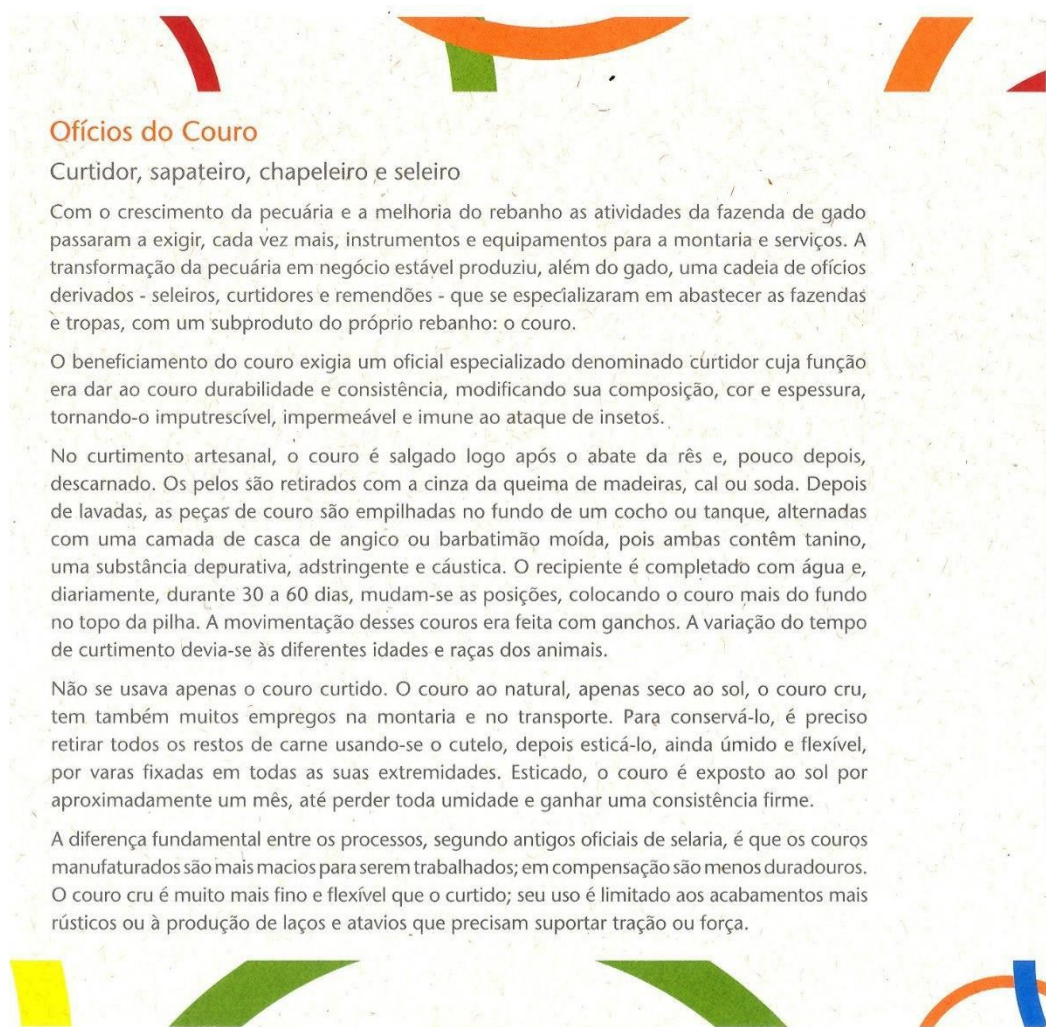
Figura 2 – Guia do Educador (2)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, 2008

Os encartes são modificados com sugestões de atividades desenvolvidas pelos docentes no MAO. São atividades do *Socializando Práticas Educativas*, além daquelas desenvolvidas na exposição do museu. A proposta desse material é deixar opções para a intervenção do professor que faz uso educativo do museu.

Figura 3 – Guia do Educador (3)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, 2008

Figura 1– Guia do Educador (4)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, 2008

Outro espaço formativo oferecido pelo MAO é o *Ampliando Horizontes*, que tem como objetivo discutir temas que possibilitem ao professor ressignificar suas práticas docentes no uso pedagógico dos museus. O serviço educativo propõe um tema geral a cada semestre e convida pesquisadores, especialistas, portadores de experiências significativas em projetos que envolvam o museu, música, teatro, literatura, pintura ou outra área pertinente. De acordo com Naila Mourthé "(...) este é um espaço para a discussão de temas mais amplos, mas sem dúvida alguma vão dar muitos subsídios para os professores atuarem em sala de aula nas discussões antes, durante ou depois das visitas" (MOURTHÉ apud BARBOSA, 2010).

O *Ampliando Horizontes* é uma atividade formativa para professores e para equipe de educadores de museu e ao mesmo tempo é uma abertura para questões debatidas na contemporaneidade como racismo, direitos humanos, meio ambiente, economia, arte, entre outros temas. Essa abertura possibilita ao

museu o estabelecimento de parcerias com a comunidade, rompendo a ideia de um espaço fechado que encapsula o tempo, avançando para concepção de um museu que democratize a experiência e o conhecimento humano. Um museu que se realiza pelo compromisso social, no sentido de incorporar questões do presente no diálogo com sua exposição.

Outro projeto desenvolvido pelo setor educativo é o *Socializando Práticas Educativas* que tem como principal objetivo valorizar as práticas docentes no uso pedagógico do Museu. No início de cada ano é divulgado um edital que convida os professores a redigirem uma atividade desenvolvida no antes, durante ou depois da visita ao MAO. No site do museu a orientação é de que os professores:

(...) interessados em participar devem enviar uma descrição, em linhas gerais, da proposta de trabalho, do segmento envolvido, dos objetivos propostos, do desenvolvimento da atividade e dos resultados obtidos. Vale ressaltar, que um parecer pessoal pode ser muito significativo para sensibilização de outros educadores para o aproveitamento e a recriação das práticas. (Museu de Artes e Ofícios, online)

Ao final de cada semestre algumas práticas são selecionadas e o professor é novamente convidado a socializá-las em uma mesa redonda que acontece no hall de entrada do museu. É um momento em que as práticas são compartilhadas com outros professores que podem, a partir da experiência desenvolvida, ressignificar suas ações pedagógicas no uso do museu. As práticas são também divulgadas no site do Museu e no Guia do Educador do próximo ano.

Outra ação educativa do MAO é *O Passe Livre do Educador*, que oferece gratuidade ao professor em visitas ao museu. Para garantir esse direito é necessário que o professor participe do *Momento do Educador*, que é uma forma do setor educativo estabelecer relações com a escola. O professor entra em contato com o setor educativo por meio do telefone e é convidado a participar do *Momento do Educador*, que consiste em um espaço formativo para o uso pedagógico do Museu onde são apresentados o *Guia do Educador* e entregue o seu *Passe Livre*.

Ações educativas vêm sendo desenvolvidas em parcerias com instituições de ensino e pesquisa como a criação do CD *Tematizando Artes e Ofícios* feito

em parceria com o LABEPH/UFMG, a PUC-MG (CEFOR) e a UEMG⁴. O CD é composto por textos, poemas e sugestões de atividades para o cenário do couro. É um instrumento pedagógico voltado a professores de diferentes áreas do conhecimento. Serve para o uso dos museus que privilegiam a educação pela memória e a história em um recorte temático, estimulando o professor a fazer escolhas na visita aos museus, superando a angústia por uma visita total que comporte todos os sentidos despertados ali.

Também para superar a angústia pela visita total, o setor educativo do MAO sugere ao professor 7 trilhas que podem ser um caminho para os professores para que usem de forma mais instrumental a visita ao museu. Não se trata de um instrumental que desconsidera as dimensões sensíveis na educação e deixa de privilegiar o modo subjetivo de fruição dos estudantes. Consideramos apenas que o professor define objetivos prévios na visita educativa e que, desse modo, particulariza a relação com a exposição.

As trilhas são uma possibilidade de “objetivar” a visita ao MAO, provocando o debate sobre conteúdos escolares específicos. Segundo Naila Mourthé, as trilhas provocam conteúdos interdisciplinares sem privilegiar apenas a área de humanas e sociais, mas possibilitando o uso pedagógico do museu pelas diversas disciplinas escolares dispostas nos currículos, além de propor a transversalidade em temas de interesse de professores e estudantes. O professor é convidado a pensar em outras possibilidades para além daquelas contidas nos conteúdos escolares, mesmo porque não teria como o MAO disponibilizar educadores especializados nas diferentes disciplinas escolares. São propostas no Guia do Educador:

Trilha da energia

O que é energia? Venha brincar com os diversos significados desta palavra. Aqui o visitante irá conhecer as engenhocas que substituíam a força do homem antes da energia elétrica. Depois deste passeio, o acionar do interruptor da luz será percebido de forma diferente.

Trilha do comércio

⁴ Este CD-ROOM foi idealizado pela equipe do Projeto Tematizando os Ofícios – caixa virtual de história – o Museu de Artes e Ofícios em visitas escolares, e pelos sub-projetos Memória dos Ofícios e Educação para o patrimônio, que reuniu pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais, da Universidade Estadual de Minas Gerais, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e do Setor Educativo do Museu de Artes e Ofícios.importantes para a construção do nosso estilo de ser e viver em uma sociedade consumista.

O que significa ter? Qual é a função do comércio? Quais são as conexões entre o ontem e o hoje? Quais são as transformações sofridas pelos atos de vender e comprar? Conhecendo a história rude, mas cheia de poesia e aventuras, de tropeiros, canoieiros, ambulantes e mascates, o visitante encontra mais subsídios para refletir sobre estas e outras perguntas tão

Trilha do gesto

São mãos hábeis que alimentam e aquecem nosso corpo e nossa alma. Esta trilha é um convite para se conhecer a variedade, a destreza do gestual das atividades realizadas na cozinha, a vida dos quintais das casas, o trabalho de quem nos veste, o carinho de quem planta, colhe, corta, torce, carda, tece, coze... Mais que alimentar e vestir são gestos que nos aninham, que nos acolhem.

Trilha das artes

O que é arte? Qual é a função da arte? Será arte o que se manifesta em cada ferramenta? Em cada utensílio? Ou será mera construção do observador? Venha com seu grupo se fazer esta e outras perguntas na Trilha das Artes. Pode ser que algumas respostas sejam elaboradas, ou quem sabe mais perguntas. A mediação desta trilha não pretende responder tais questionamentos, pretende sim viajar junto com os visitantes no maravilhoso mundo do trabalho, observando como o homem, em seus fazeres cotidianos para viver e sobreviver, vai transformando os materiais que utiliza.

Trilha da Mineração

Procura, fura, bateia, bate, derrete, forma, molda, usa... Percorra o caminho das minas e se encante com um mundo de descobertas que outrora preencheram, com sonhos e expectativas, os corações de grandes homens. Nesta trilha seguiremos os passos da lida sofrida típica das regiões de extração de minérios e metais preciosos, riquezas tão profusas que ainda hoje representam um importante pilar econômico das Minas Gerais. Encontraremos em nossa jornada as origens dos valores e costumes tradicionais do povo mineiro.

Trilha Afro-brasileira

Qual é a importância do trabalho e da cultura negra para o desenvolvimento da sociedade brasileira? Que contribuições intelectuais e culturais, relacionadas ao saber fazer dos negros foram demandadas e incorporadas pela sociedade pré-industrial brasileira? Nesta trilha, longe de se almejar o esgotamento destas questões, pretende-se enfatizar os diversos ofícios que se estabeleceram no período em questão, e que cuja mão de obra era predominantemente negra, escravizada ou não, delineando-se um panorama sobre sua centralidade no mundo do trabalho, suas técnicas aprimoradas por anos de experiência e prática, ressaltando as contribuições que ultrapassam a ideia da força bruta e do vigor físico.

Trilha História do Trabalho

Outra possibilidade é conhecer os Trilhos da História do Trabalho, percurso com duração aproximada de duas horas, no qual os ofícios

que compõem o acervo do Museu são apresentados. É importante considerar que o MAO conta com informações complementares em equipamentos multimídia e backlights. Ou seja, cabe ao educador propor o percurso que mais lhe interessa, assegurando-se de que outros encontros serão necessários para descobrir novas surpresas e encantos deste espaço, pois cada visita ao Museu guarda grandes novidades. (Guia do Educador, Museu de Artes e Ofícios, online).

Ao optar por uma das trilhas, o professor planeja sua visita ao MAO e pode romper com a lógica da visita clássica aos museus, que se davam em um curto período de tempo, na qual os estudantes eram conduzidos pela exposição transcrevendo tudo que encontravam pela frente. Podem propor problemas historicamente fundamentados e, dessa forma, potencializar os conteúdos curriculares por meio de uma narrativa visual da história.

A criação de programas de atendimento especializado aos docentes em setores educativos dos museus pode favorecer não somente a que os professores se qualifiquem para esta relação e usufruto educativo, mas que os museus, como instituições mutáveis, também possam mapear as expectativas e impressões dos professores, alterando seus projetos de recepção de públicos escolares. Chamamos de atendimento especializado aos serviços, atividades e programas permanentes criados no museu que favorecem vínculos mais efetivos com a sociedade e dos professores com os museus, com alteração de hábitos culturais e amadurecimento de propostas de visitação escolar.

Com a criação desses programas, o fazer educativo nos museus passa a ser visto como oportunidade formativa, uma vez que é rico em experiências, contatos e trocas. Professores e educadores de museus aprendem com a prática e a experiência que são reavaliadas e reposicionadas no processo educativo. Assim, atividades nos museus, que são desenvolvidas com os professores, podem contribuir para novas experiências educativas com os estudantes nas escolas. A atividade docente é, antes de tudo, baseada em interações entre seres humanos: dos professores com os estudantes, seus colegas de profissão e, também, com as equipes educativas dos museus (PEREIRA & SIMAN, 2009).

O Uso Educativo do Museu de Artes e Ofícios

Optamos por realizar nossa pesquisa com professores de história frequentes ao Museu de Artes e Ofícios. Consideramos como professores

frequentes aqueles que visitaram o museu por mais de duas vezes no último ano. Essa escolha se justifica pelos objetivos da pesquisa relacionados às experiências docentes nos museus. O MAO foi escolhido por se tratar tipologicamente de um museu de história e receber número significativo de professores desta área durante todo o ano, além de possuir setor educativo. Devemos também considerar que a escolha se deu em função de relações de pesquisa previamente estabelecidas entre o MAO e pesquisadores da UFMG, PUC-MG e UEMG na realização do projeto *Tematizando Artes e Ofícios e Memórias do Ofício e Educação para o Patrimônio*⁵.

A maior parte dos professores entrevistados na pesquisa incorpora os museus em sua prática e considera que essas instituições reúnem condições favoráveis para o ensino de história:

(...) as visitas (não apenas em museus) conferem significado aos temas trabalhados em sala e permitem que os sujeitos sintam-se construtores e participantes da história. **As visitas a museus provocam outros sentidos** e permitem ao estudante **visualizar** outras versões da história que não estão nos livros didáticos. (Professor Bento- grifo nosso)

O ambiente do museu **desperta a curiosidade** dos estudantes, o acervo **transporta o visitante no tempo**, as orientações dos guias (quando bem preparados) ampliam as possibilidades de exploração pedagógica da visita. (Professor Mário)

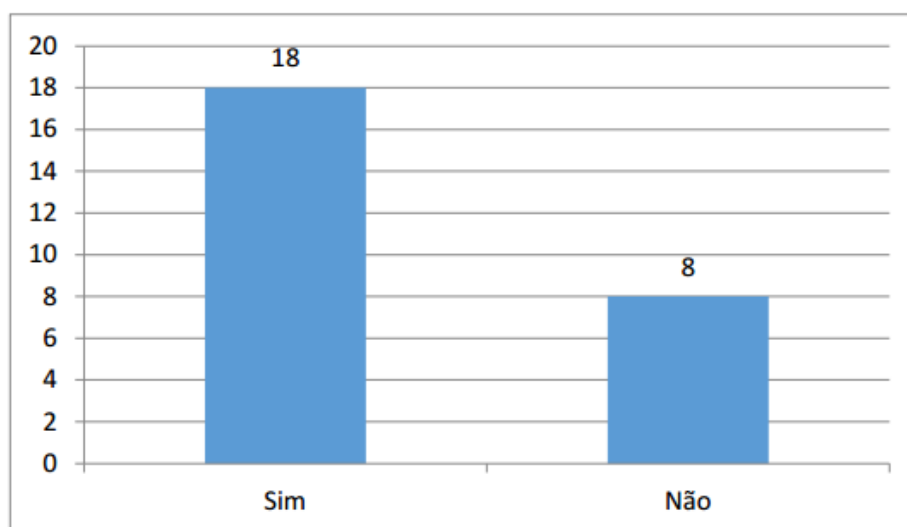
O **contato visual com o museu**, com objetos históricos, com a problemática do monumento como sendo monumento histórico. (Professora Hilda)

O aluno consegue apropriar-se do conteúdo **pois tem contato com o "concreto"** indo além da teoria escutada em sala de aula. (Professora Hannah)

Desse grupo de professores de história que responderam ao questionário da primeira etapa da nossa pesquisa, 69% realizam visitas regulares com estudantes a museus e, inclusive, foram mais de duas vezes ao MAO no ano de 2012, como podemos observar no Gráfico 1.

⁵ Tematizando os Ofícios, Projeto desenvolvido pela UFMG no Museu de Artes e Ofícios, entre 2010 e 2013, em parceria com pesquisadores da PUC Minas e da UEMG, e sob a coordenação de Júnia Sales Pereira, com apoio da FAPEMIG, PUC Minas e CAPES, integrando os subprojetos Educação para o patrimônio, coordenado por Carla Ferretti, e Memórias dos Ofícios, coordenado por Lana Mara de Castro Siman

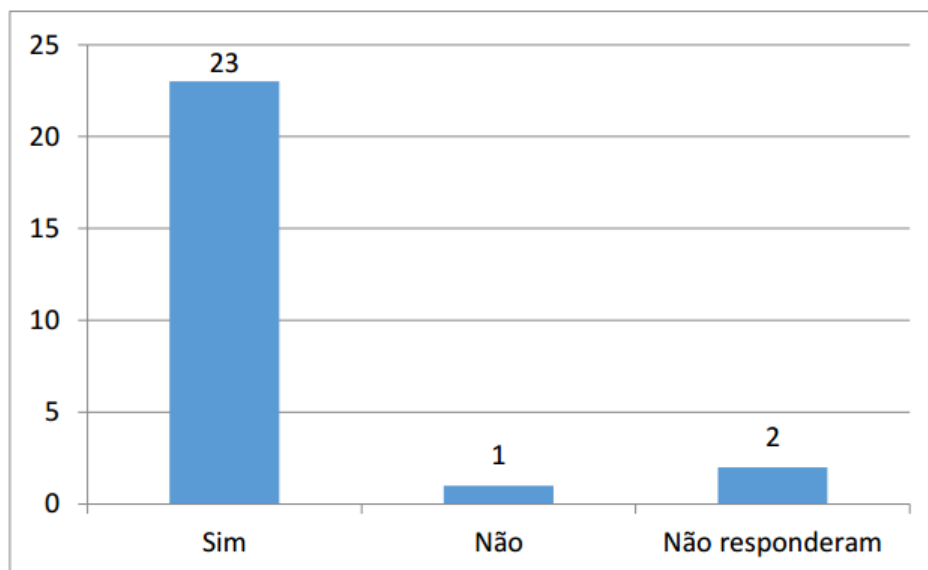
Gráfico 1 - Docentes que declaram visitar regularmente museus



Fonte: Dados do questionário respondido por 26 professores na primeira etapa da pesquisa.

Pelo Gráfico 2 percebemos que a maior parte dos professores faz o agendamento por meio do setor educativo, uma das formas de sistematizar a visita e conhecer previamente o que o museu pode oferecer.

Gráfico 2 - Agendamento de visitas por meio do serviço educativo



Fonte: Dados do questionário respondido por 26 professores na primeira etapa da pesquisa.

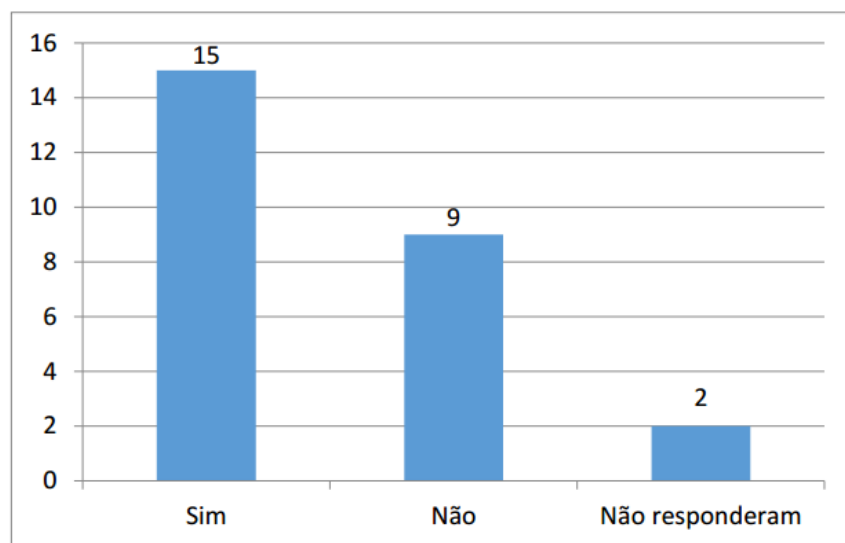
Ao contatarem o setor educativo do MAO, esses professores são convidados a participar do *Momento do Educador*, quando têm a oportunidade de conhecer as ações desenvolvidas pelo Museu e recebem o Guia do Educador. Com esta ação o setor educativo pretende estabelecer parcerias com

os docentes, na melhoria dos serviços educativos, e repensar as ações oferecidas para as escolas:

O acervo do MAO possui um amplo acervo que permite diversas possibilidades de interpretação a partir da sua exploração. Para que todo este potencial seja desenvolvido, foi criado o **Momento do Educador**, um espaço de interação e diálogo entre os educadores interessados e a equipe do MAO. Nesta ocasião, são apresentadas as ações educativas promovidas pelo Setor Educativo, é realizada uma atividade detonadora de reflexões sobre o Museu, seguida de uma visita técnica a um dos ofícios. Busca-se assim o aprimoramento destas propostas educativas através da constante interação entre os educadores e o museu, estabelecendo uma parceria cada vez mais sólida. Concluindo esta atividade cada educador recebe o Passe Livre do Educador (Museu de Artes e Ofícios, online)

O *Momento do Educador* acontece na última semana do mês e na primeira segunda-feira como requisito parcial para o agendamento de visitas orientadas ao MAO. Dos 26 professores da primeira etapa da pesquisa, 58% participaram do *Momento do Educador* antes da realização da visita.

Gráfico 3 - Participação no Momento do Educador do MAO



Fonte: Dados do questionário respondido por 26 professores na primeira etapa da pesquisa.

O tempo desta ação é limitado a uma hora e, geralmente, ocorre em horário noturno e, por isso, muitos docentes não conseguem participar do que poderia constituir-se em espaço para a troca de experiências com os educadores de museus. A condição docente interdita participação neste processo, pois os professores raramente conseguem a liberação de atividades para participar de formação que não seja ligada a uma política de Estado.

Como podemos observar no gráfico 04, 42% dos professores possuem o *Guia do Educador* e fazem uso do material para preparar sua visita ao MAO. O instrumento é um norteador e sugere algumas atividades que podem ser desenvolvidas no museu. Por meio deste guia, os professores que optam por uma das trilhas são recebidos por um educador que apresenta a exposição do museu:

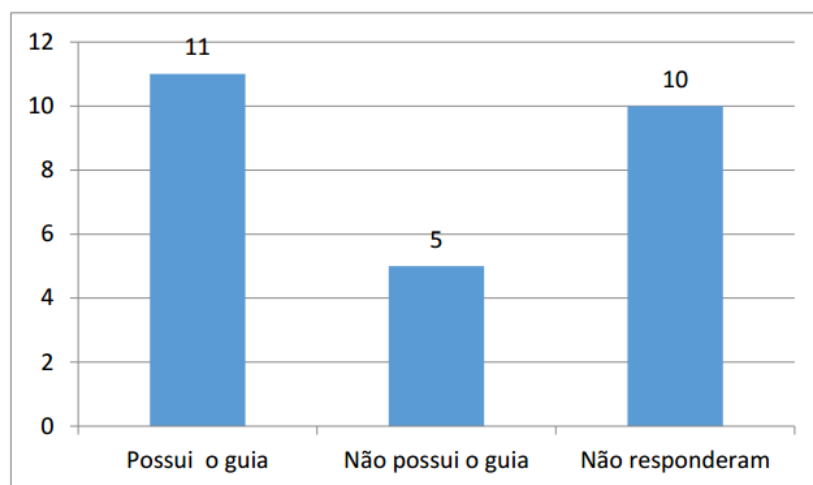
As aulas prontas me deram ideias para adaptá-las a realidade das minhas turmas. A intenção era falar sobre os ofícios e depois compará-los aos atuais. (Professora Laura)

Leio, mas sempre **preparo a parte.** (Professora Lucimar)

O material do MAO é ótimo para **sensibilização do grupo.** (Professora Tereza)

Usei, e em todas as outras visitas irei usar e explorá-lo mais. (Professora Fran)

Gráfico 4 - Em relação ao Guia do Educador.



Fonte: Dados do questionário respondido por 26 professores na primeira etapa da pesquisa.

Segundo alguns professores entrevistados na primeira etapa da pesquisa, o *Guia do Educador* é um material para sensibilização dos estudantes no momento que antecede as visitas, além de um excelente material para orientar a preparação de aulas desenvolvidas na escola e os conteúdos provocados pela exposição do MAO, após a visita. Além do *Guia*, ao participarem do *Momento do Educador* os professores recebem o *Passe Livre do Educador*, que possibilita o

acesso ao Museu, para que possam planejar atividades que serão realizadas com os estudantes durante a visita⁶.

Pereira & Carvalho (2010) afirmam que não há visibilidade plena nos museus e sim a possibilidade de aprendizado da cultura e a sensibilização histórica por meio do projeto museal. Em processo, o museu é forjado a partir de seleções arbitradas de coleções produzindo visibilidade e invisibilidade. Desta forma é preciso romper com:

(...) as ilusões implicadas na suposição da visita total, a pretensão de apreensão plena de significados históricos ou da aprendizagem da história como sucessão cadenciada, organizada e previsível dos tempos. Trata-se de uma aprendizagem de uso do museu para além da notícia da história dos objetos que ele guarda, convidando ao exercício de reflexão sobre a história do museu e do seu papel social, enfatizando suas armadilhas de concepção e exposição museológica, inclusive, considerando seu jogo político no plano da cultura (PEREIRA & CARVALHO, 2010, p. 390-391).

O uso do *Guia* e a possibilidade de ir ao museu em qualquer horário pode dar maior objetividade à visita de caráter pedagógico, contando, é claro, com o imprevisto em uma situação relacional envolvendo professores, estudantes e educadores dos museus. De posse do *Guia do Educador*, os professores podem selecionar uma trilha ou optar por outra forma de visita mais livre a partir de um problema relacionado ao conteúdo disciplinar. Podem também conhecer um pouco da história do MAO, sua função social, as atividades de pesquisa e difusão realizadas pela instituição, dos usos que tinham o prédio antes de abrigar a exposição e utilizar as proposições de atividades. E essa construção pode, também, ser feita por meio da rede mundial de computadores com uma visita virtual. Segundo os docentes entrevistados as atividades prévias mais comuns são:

Leitura de textos sobre o próprio Museu, catálogo e acervo.
Organização do roteiro com objetivos da visita e instrumentos de registro durante e após a visita. (Professora Adélia)

⁶ O agendamento de visitas orientadas ao MAO é realizado com 1 mês de antecedência de duas formas: no "Momento do Educador" encontro realizado com professores na última semana do mês e na primeira segunda-feira de cada mês, para o mês seguinte. O professor que comparece ao encontro tem a possibilidade de agendar visitas e as vagas remanescentes do encontro, ficam disponíveis para agendamento na primeira segunda-feira. Museu de Artes e Ofícios, 2014, online.

Estudamos o que são ofícios, como são praticados e como eram praticados, quais ofícios foram extintos e substituídos pela industrialização e modernização, qual a importância dos ofícios. (Professora Patrícia)

O professor se sentirá mais a vontade para acompanhar os alunos pois já terá conhecido o acervo e refletir sobre o aprendizado dos alunos no sentido de relacionar a matéria dada em sala com o conteúdo a ser trabalhado no museu. (Professora Mayza)

As atividades relatadas são feitas no pré-visita ainda nas escolas para aproximar os estudantes do universo museal, destacando a importância da visita e propondo relações com os conteúdos escolares. Esse tempo auxilia na compreensão de que é possível fazer opções por objetos e cenários no levantamento de problemas e questões de natureza histórica rompendo com a ideia da visita total.

Ao que parece, a primeira aproximação dos docentes com o museu acontece de maneira instrumental, ou seja, com finalidades de exploração pedagógica e histórica dos temas que são desenvolvidos em sala de aula a partir do currículo. Esta aproximação instrumental não significa que as dimensões éticas, estéticas e políticas estão desconsideradas. A ideia de um museu em processo que convida à experiência e que nos encarna, rompe com a objetividade pretendida no momento em que o professor planeja a visita.

A visita é experiencial e, portanto, plena de sentidos que extrapolam o projeto inicial do docente. Como disse o professor Bento, o MAO é o lugar do inesperado e por meio do encontro dos discentes com objetos que fazem parte de sua história de vida são tecidas narrativas inéditas, em diálogo com a proposta dos educadores de museu.

Considerações finais

Os museus inscrevem-se nos circuitos culturais e sensíveis da sociedade e convidam a uma aprendizagem da cultura de maneira dinâmica e pluralista. Com sua narrativa arbitrária, podem ser locais privilegiados de aprendizagem histórica. De acordo com Junia Sales Pereira, os museus estão inseridos

(...) nos circuitos culturais e sensíveis da sociedade, compreendidos como gestos arbitrários que essa mesma sociedade realiza e, portanto, como instituições produtoras de percepções sobre a história,

sobre os objetos, também sobre as impermanências dos rastros (PEREIRA, 2007, p. 2).

Nos museus, os professores de história têm material necessário para a reflexão sobre os gestos de salvaguarda e esquecimento, em uma narrativa visual constituída por cenários previamente elaborados para provocar nossos sentidos. A curadoria elabora argumentos apresentados e subvertidos pelos sujeitos que visitam o museu. Como andarilhos, os sujeitos propõem outras narrativas provocadas pela memória e pela partilha com outros estudantes no momento da visita (PEREIRA, 2007).

Os professores entrevistados na primeira etapa dessa pesquisa tiveram experiências significativas em museus quando eram estudantes na educação básica ou quando estavam na graduação. Essa experiência sensível aproximou os docentes do universo dos museus, estimulando o seu uso educativo quando atuam como professores na educação básica.

Fazem uso frequente da exposição do MAO para ensinar história e o museu por meio de seu setor educativo potencializa esse uso com ações voltadas para o professor e produção de materiais didáticos. O guia do educador é um matéria aberto e possibilita a intervenção do professor de acordo com seus objetivos na visita ao museu.

As trilhas propostas rompem com a ideia de que seja preciso ver toda exposição em uma única visita. As trilhas potencializam debates mais singulares, com problemas levantados a partir dos conteúdos curriculares. Assim, a aproximação entre setores educativos e expectativas dos professores podem fazer com que os museus deixem de ser uma caixa monumento para uso sensível, reflexivo e crítico.

Referências

BARBOSA, Neilia Marcelina. **Olhares sobre a prática docente no uso do Arte de Ofícios**. Relatório final de pesquisa de iniciação científica/CNPQ. 2010.

BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. **Professores de História em Cenários de Experiência**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da UFMG. Belo Horizonte, 2014.

CATEL, Pierre. Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte: afinal como nascem os museus? [2005]. *História, ciências e saúde*. Rio de Janeiro: **Manguinhos**, Suplemento, v.12, p.323-38, 2005. Entrevista concedida a Luciana Sepúlveda Koptcke.

HERMETO, Miriam; OLIVEIRA, Gabriela. D. Ação educativa em museus. Produção de conhecimento e formação para a cidadania? In: AZEVEDO, Flavia L. M.; CATÃO, Leandro. P.; PIRES, João Ricardo F. (Org.). **Cidadania, Memória e Patrimônio: As dimensões do museu no cenário atual**. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Museus em números*. Brasília: IBRAM, 2011. Disponível em <<http://www.museus.gov.br/publicacoes-e-documentos/museus-em-numeros/>>. Acesso em 20 de ago. de 2010.

KNAUSS, Paulo. A presença de estudantes: o encontro de museus e escolas no Brasil a partir da década de 50 do século XX. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 27, n. 46, p. 581-597, jul./dez., 2011.

PEREIRA, Junia Sales. **Escola e Museu: diálogos e práticas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus/CEFOP-PUC-Minas, 2007. PEREIRA, Junia Sales; SIMAN, L. M. C. Andarilhagens em chão de ladrilhos. In: FONSECA, Selva Guimarães. (Org.). **Ensinar e aprender História - formação, saberes e práticas educativas**. Campinas: Átomo & Alínea, 2009.

PEREIRA, Junia Sales; CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. Sentidos dos tempos na relação museu/escola. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 30, n. 82, p. 383-396, set./dez., 2010.